

O ENSINO DE INGLÊS PARA APRENDIZES IDOSOS NO AMBIENTE VIRTUAL*The Teaching of English to Elderly Learners in the Virtual Environment*

Cristiane da Silva UCHOA

Universidade Federal do Paraná

uchoacristiane95@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2694-8302>

Denise Cristina KLUGE

Universidade Federal do Paraná

deniseckluge@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4656-7902>

RESUMO: Este trabalho objetiva apresentar as estratégias de ensino utilizadas por uma professora voluntária do Programa Terceira Idade em Ação (PTIA) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) com base em sua experiência ao ministrar aulas de inglês como língua adicional para duas turmas de alunos idosos no modelo remoto durante o período de pandemia. Para alcançar tal objetivo, a base metodológica traz uma reflexão crítica proporcionada pela observação participante da professora do projeto. Nota-se que ainda se faz necessário que outras pesquisas sejam fomentadas nesse campo de estudos e que o fenômeno do envelhecimento seja discutido cada vez mais sob a ótica de quem de fato vivência ou convive com a velhice. Ademais, o estudo também apresenta sugestões para os futuros profissionais e professores que já atuam no contexto de ensino de línguas para a terceira idade. A idade cronológica não poderá barrar a sede pelo conhecimento, pois o acesso a aprendizagem continua é o caminho para uma vida longa.

PALAVRAS-CHAVE: Estratégias; Ensino Remoto; Terceira Idade.

ABSTRACT: This work aims to present the teaching strategies used by a volunteer teacher from the Third Age in Action Program (PTIA) at the Federal University of Piauí (UFPI) based on her experience of teaching english as an additional language to two classes of elderly students in the remote model during the pandemic period. To achieve this objective, the methodological basis brings a critical reflection provided by the participant observation of the project teacher. It is noted that it is still necessary that other research to be promoted in this field of studies and for the phenomenon of aging to be increasingly discussed from the perspective of those who actually experience or live with the old age. Furthermore, the study also presents suggestions for future professionals and teachers who already work in the context of language teaching for the elderly. The chronological age cannot stop the thirst for knowledge, as access to continuous learning is the path to a long life.

KEYWORDS: Strategies; Remote Teaching; Third Age.

INTRODUÇÃO

A pesquisa na área de ensino de línguas tem se expandido tanto em contexto nacional quanto internacional e contemplado variados públicos desde a mais tenra idade até a fase adulta. No entanto, é possível observar lacunas de estudos no campo educacional que contemplem o processo de ensino de línguas adicionais¹ para aprendizes da terceira idade². Tais discussões podem ser consideradas ainda incipientes nas áreas de estudos linguísticos e da linguística aplicada.

Uma revisão da literatura com base no levantamento realizado em periódicos da Capes e Banco Nacional de Teses e Dissertações permite observar iniciativas que abrem espaço para a discussão do tema mencionado por meio dos trabalhos de Pizzolato (1995), Conceição (1999), Villani (2007), Bella (2008), Scopinho (2009, 2014), Moraes (2018), Moraes-Caruzzo (2023). Com o passar dos anos, as Universidades Abertas para a Terceira Idade, também conhecidas como UNATIS, ganharam destaque no cenário acadêmico e assim têm despertado o interesse de pesquisadores por investigarem os cursos ofertados, o público-alvo e as práticas docentes que são desenvolvidas em tal contexto.

Desse modo, aproveito a oportunidade para dedicar este artigo aos profissionais ingressos e já egressos dos cursos de Letras que atuam ou pretendem atuar no ensino de idiomas para a população geronte em uma dada comunidade. Através deste trabalho, busco apresentar as principais estratégias utilizadas por mim enquanto professora voluntária³ no contexto de ensino remoto para aprendizes idosos de um programa de extensão da Universidade Federal do Piauí (UFPI) durante o período de pandemia causada pelo surgimento do vírus SARS-CoV-2⁴. Ademais, estarão presentes neste trabalho dicas e sugestões que podem auxiliar os docentes e

¹ Nesta pesquisa, utilizo o termo língua adicional ao invés de língua estrangeira. Acredito que o uso do termo “adicional” traz vantagens porque não há necessidade de se discriminar o contexto geográfico ou mesmo as características individuais do aluno. Além disso, não há conotação sobre algo que é de certa forma “estranho” ao aluno. A proposta então é que se adote um conceito maior, mais abrangente, e possivelmente mais adequado: o de língua adicional (LEFFA; IRLA, 2014).

² Nesta pesquisa, usarei os termos idosos, terceira idade, população geronte como intercambiáveis.

³ Vale destacar que este trabalho conta com a participação de duas autoras, sendo a primeira autora doutoranda em Letras na área de Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Paraná (UFPR), responsável pelo compartilhamento de sua experiência no programa do PTIA e a segunda autora, a professora orientadora responsável pelo acompanhamento do processo de produção da escrita do artigo e pela contribuição com os diálogos, discussões e reflexões presentes no texto até o momento de sua publicação. Em 2015, a primeira autora foi professora voluntária ao longo de dois semestres no PTIA, enquanto as aulas aconteciam no modelo presencial. Posteriormente, também participou do projeto em 2022 e 2023 quando as aulas migraram para o modelo virtual.

⁴ Para mais informações consultar o site da Organização Mundial da Saúde (OMS) disponível em: <https://www.who.int/pt>. Acesso em: 11 fev. 2024.

as universidades onde se desenvolvem programas voltados para o alunado da terceira idade. Portanto, aqui compartilharei a minha vivência enquanto professora de língua adicional que atuou de forma virtual com o público da terceira idade.

O SURGIMENTO DAS UNATIS E SUA IMPORTÂNCIA NO CENÁRIO EDUCACIONAL

A concepção de Universidade Aberta à Terceira Idade surgiu na França em 1973, mais precisamente em Toulouse, como parte do movimento daquele país na busca de alternativas de melhores condições de vida para os idosos franceses (Pacheco, 2003). Tal iniciativa almejava uma integração intergeracional por meio da união entre universidade e sociedade em prol de uma educação continuada.

A partir de sua criação na França, diversos programas e cursos de extensão voltados para a população geronte surgiram em outros países. No Brasil, esse movimento dentro das universidades iniciou-se em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina que, em 1982, criou o NETI – Núcleo de Estudos da Terceira Idade. Este foi o primeiro programa universitário brasileiro concebido com o objetivo de realizar estudos, divulgar conhecimentos técnico-científicos do envelhecimento humano, formar recursos humanos e promover o cidadão idoso (Cachioni, 1999 *apud* Pacheco, 2003, p.224).

Nesse contexto, é possível perceber que a universidade passou a proporcionar a este segmento da população uma chance de (re)inserção social por meio do acesso ao conhecimento e atividades diversificadas de lazer e bem-estar.

Diante da recente conjuntura, especificamente com a chegada da pandemia causada pela COVID-19, os idosos foram colocados nos grupos de risco pois a princípio tinham mais propensão a uma evolução rápida da doença. Dessa forma, se fez necessário um período de distanciamento e de isolamento social. Neste cenário, os idosos sofreram duplamente com as medidas adotadas, por isso enxergaram nas ofertas dos cursos das UNATIS uma alternativa para que pudessem voltar a interagir e socializar com as demais pessoas.

É importante frisar que neste espaço de tempo a universidade precisou se reinventar de maneira que os cursos que antes aconteciam no ambiente presencial migrassem para o ambiente virtual. Portanto, em meio a um período tão delicado da história a universidade esteve presente na vida da população geronte e funcionou como uma ponte que possibilitou a conexão entre

peessoas e o saber, conectando também de certa forma as diferentes gerações atuantes nesses projetos e programas de extensão.

Dessa forma, a universidade trouxe para o centro das discussões questões sobre as práticas que envolvem o envelhecimento populacional. Simone de Beauvoir (1990) em sua obra *A velhice* assevera que não é fácil circunscrever uma concepção bem definida para a velhice, sobretudo pela estreita interdependência dos pontos de vista biológicos, psicológicos e sociais que circundam o indivíduo. Dada a pluralidade de experiências de cada ser, torna-se impossível estabelecer limites que conceituem isoladamente o envelhecimento e a velhice. Neste sentido, tal debate deve ser aprofundado no ambiente acadêmico em meio ao processo de preparação dos profissionais que atuam ou atuarão nos programas e cursos de ensino de línguas adicionais onde se encontram aprendizes da terceira idade.

Concordo com Alencar e Carvalho (2009) ao sugerir a universidade como um espaço onde se discute, se opina e se criam novos conhecimentos, como um lugar de encontro de gerações. Nessa perspectiva, atualmente muitas universidades brasileiras oferecem cursos de extensão que contemplam a população na terceira idade.

Existem no país programas educacionais com atividades integrativas para a população geronte como, por exemplo, o Núcleo de Estudos de Terceira Idade (NETI) criado pela Universidade Federal de Santa Catarina, em 1982; a Universidade sem Fronteiras, criada pela Universidade Estadual do Ceará, em 1988; a Universidade para a Terceira Idade (UNITI), criada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1990; a Universidade Aberta para a Terceira Idade (UNATI), criada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 1993; a Universidade Aberta para a Terceira Idade – Projeto Maioridade, criado pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 1993; o Programa Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade de São Paulo, criado em 1996; a Universidade Aberta da Terceira Idade, criada pela Universidade Católica de Brasília, em 2001, para citar alguns (Gomes *et al.*, 2004).

No caso deste estudo, focarei nas atividades desenvolvidas no Programa Terceira Idade em Ação – PTIA, local que foi palco da coleta de dados da pesquisa. Em suma, diante da análise de tudo que foi exposto é possível ressaltar que as universidades abrem espaço para o protagonismo do idoso na sociedade, ao estímulo de práticas de educação permanente e ao debate sobre o exercício pleno da cidadania de forma global.

O PROGRAMA TERCEIRA IDADE EM AÇÃO (UFPI)

O Programa Terceira Idade em Ação (PTIA) surgiu por iniciativa do Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre a Terceira Idade (NUPEUTI) em 1998. Atualmente, caracteriza-se como parte permanente da extensão universitária do Departamento de Serviço Social do Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). O projeto atende a população geronte piauiense, sendo conduzido por membros voluntários da comunidade e bolsistas da própria universidade. O trabalho desenvolvido reforça a importância do tripé que sustenta o ambiente universitário: ensino, pesquisa e extensão.

Dessa forma, o PTIA busca extrapolar o ambiente físico da universidade e facilitar a (re)inserção dos alunos idosos na sociedade por meio da sua participação e engajamento nos cursos ofertados. Os cursos são ministrados inteiramente por professores voluntários das mais variadas áreas do conhecimento. Dentre as oficinas ofertadas no ano de 2022 e de 2023 destacam-se: espanhol para idosos, inglês para idosos, inglês para viagens, zumba, saúde do idoso(a), música popular brasileira, memórias e vida, capoterapia, fotografia, jardinagem e paisagismos, nutrição e envelhecimento, artes manuais, pintura em tela, *tai chi-chuan/qigong*.

Por conta das condições sanitárias devido à pandemia da COVID-19, as atividades do programa se mantiveram no formato remoto, como vêm acontecendo desde 2020⁵, sendo que até o primeiro semestre do ano de 2023 somente o curso de *tai chi-chuan/qigong* era ministrado presencialmente. Posteriormente, com a chegada da vacina e flexibilização da pandemia, aos poucos algumas atividades foram retornando ao modelo presencial, mas a maioria dos cursos ainda se manteve no modelo remoto de ensino.

Minha experiência pessoal no PTIA

O meu primeiro contato como PTIA aconteceu em 2015 quando eu ainda era aluna graduanda do curso de Licenciatura em Letras – Língua e Literatura Inglesa, onde juntamente com uma colega do curso vivenciei a experiência de ministrar aulas de inglês para iniciantes em um grupo de 5 alunas idosas. Tal experiência foi muito marcante para mim e contribuiu diretamente com minha formação. Inclusive, por meio desta pude me descobrir como

⁵ Informação disponível em: <https://ufpi.br/ultimas-noticias-ufpi/42339-programa-terceira-idade-em-acao-realiza-aula-inaugural-do-semester>. Acesso em: 13 fev. 2024.

pesquisadora e apresentar meu primeiro trabalho intitulado “O aprendizado de língua inglesa na terceira idade e seus desafios baseados no projeto de extensão Programa Terceira Idade em Ação (PTIA)” no I Congresso Internacional de Ficção, Identidade e Discurso (CONIFID) organizado pela Universidade Federal do Maranhão, na cidade de São Luís. Ao longo dessa experiência foi possível perceber que não existe necessariamente um período determinado para a aprendizagem de um idioma, pois uma pessoa pode fazer essa escolha a qualquer época de sua vida. Entretanto, esse processo requer uma série de fatores externos e internos para que seja possível o aprendizado (Uchoa *et al.*, 2016).

Posteriormente em 2022, já no doutorado tive a oportunidade de retornar ao projeto com um olhar mais maduro e em diferentes condições: os cursos antes ofertados de forma presencial passaram a acontecer no ambiente virtual. Diante do novo cenário, muitas adaptações foram necessárias. As aulas migraram para as plataformas virtuais de ensino como *Google Meet*, *Zoom*, *Microsoft Teams*, dentre outras. No caso do PTIA, as aulas passaram a acontecer por meio do *Google Meet*. Uma força-tarefa foi montada por coordenadores, professores e monitores para auxiliar os alunos idosos a aprenderem a manusear tal ferramenta. Além disso, vídeos com tutorias foram criados pelos professores e um auxílio extra foi disponibilizado pelos monitores das disciplinas que se dispuseram a ajudar os alunos e esclarecerem possíveis dúvidas sempre que surgiam nas aulas.

Diante do novo cenário, tive a oportunidade de ofertar dois cursos no modelo remoto: inglês para idosos (2022) e inglês para viagens (2023).

METODOLOGIA

Este estudo está pautado no paradigma qualitativo da pesquisa (Chizzotti, 2006; Bortoni-Ricardo, 2008; Flick, 2009; Moita Lopes, 2019) e caracteriza-se como uma reflexão crítica (Moita Lopes, 2003) proporcionada pela observação participante (Minayo, 2001; Gil, 2008) em duas turmas do curso de inglês na modalidade de ensino remoto para idosos durante a pandemia.

A respeito da observação, Ludke e André (2018, p. 30-31) argumentam que

Para que se tornem um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador.

Planejar a observação significa determinar com antecedência “o quê” e “como” observar”.

A reflexão gerada a partir da observação participante nas aulas permitiu enumerar e apresentar neste trabalho algumas das estratégias que foram úteis ao longo dessa jornada e que poderão auxiliar professores de línguas adicionais em suas turmas da terceira idade. A seguir, no quadro 1, apresento o perfil das turmas e participantes deste estudo.

Quadro 1 – perfil dos alunos do curso de inglês do PTIA

Grupos:	Turma 1	Turma 2
Quantidade de alunos:	7	12
Período:	2º semestre de 2022	1º semestre de 2023
Curso:	Inglês para idosos	Inglês para viagens
Faixa etária:	66 a 78 anos	55 a 81 anos
Tempo de participação no programa:	1 ano a 12 anos	6 meses a 12 anos

Fonte: dados da pesquisa, 2024.

É importante mencionar que houve uma boa quantidade de alunos inscritos nos cursos, no entanto apenas o número de alunos apresentado no quadro assistiu efetivamente as aulas. Ademais, dentre os inscritos no curso vale ressaltar que todas eram mulheres, o que remete ao fenômeno de feminização na velhice. Segundo Neri (2001), no sentido sociodemográfico o termo feminização da velhice está associado aos seguintes conceitos: a) maior presença relativa de mulheres na população idosa; b) maior longevidade das mulheres em comparação aos homens; c) crescimento relativo do número de mulheres que fazem parte da população economicamente ativa; d) crescimento relativo no número de mulheres que são chefes de família.

No que se refere a proposta de ofertar o curso de inglês para viagens, esta surgiu a partir da observação da necessidade das alunas durante a oferta do curso de inglês para idosos, considerando que muitas das alunas possuíam o intuito de aprender o idioma para se comunicar em viagens.

ESTRATÉGIAS PARA OS PROFESSORES DE LÍNGUAS ADICIONAIS DA TERCEIRA IDADE

De acordo com Viana (2020), os docentes que trabalham com idosos, seja em Universidades da Terceira Idade ou em outros projetos específicos, têm um desafio que é descobrir uma forma eficaz de ensinar a esse público. Neste sentido, Scopinho (2009) já explanava que:

Com relação aos cursos de graduação ou de pós-graduação, nas áreas de Letras e Linguística Aplicada, o foco da docência está voltado para o ensino fundamental e médio. Algumas vezes temos uma atenção para o ensino de LE⁶ para crianças e adultos em geral, mas é muito raro encontrarmos cursos de formação de professores que abordem as questões relativas ao processo de ensino e aprendizagem de LE para o público adulto na terceira idade (SCOPINHO, 2009, p. 136).

Diante do exposto, apresento algumas estratégias que podem colaborar com o trabalho dos professores de línguas adicionais para a terceira idade dentro do contexto remoto de ensino.

a) Promover uma atmosfera de acolhimento

O professor de línguas adicionais para a terceira idade deve observar que nesse período da vida a universidade pode funcionar como uma ponte que liga os indivíduos ao conhecimento, responsável também por promover suas relações interpessoais. Ao se inscreverem nos cursos ofertados pelas UNATIS, os alunos idosos buscam tanto se sentir ativos, quanto socializar com os colegas, professores e monitores responsáveis pelo desenvolvimento do projeto que participam.

Nesse contexto, é primordial que o professor crie uma atmosfera em que o aluno se sinta valorizado pelo que ele compartilha com a turma e pelos avanços que faz a cada etapa da sua aprendizagem. Neste sentido, Guimarães (2006) atribui ao professor a tarefa de criar um clima agradável para a aprendizagem. Assim, a atmosfera da aula é determinada pelo estilo do professor.

De certo modo, esse fator também está relacionado ao trabalho do professor no sentido de desenvolver e estimular a autoestima, a motivação e, conseqüentemente, o bom-desempenho dos alunos.

⁶ Termo utilizado pela autora equivalente a língua estrangeira.

Uma forma de incentivar os alunos seria mencionar que o caminho para a aprendizagem nem sempre é linear e lembrá-los de que no decorrer desse caminho, errar ou compartilhar suas dúvidas faz parte do processo.

b) Conhecer as motivações dos seus alunos

Em relação a procura pela oferta dos cursos das UNATIS, Bella (2008) observa:

Com mais tempo para si mesmos, os idosos buscam atividades que proporcionem não só prazer como benefícios a saúde. Engajar-se com atividades como cursos de idiomas, música, dança e atividades físicas, que segundo especialistas, além de contribuir positivamente na prevenção de doenças degenerativas, trazem mais disposição (física e mental), propiciam uma melhor sociabilização e contribuem para a diminuição de possíveis momentos de depressão ou solidão (BELLA, 2008, p. 31).

É possível observar que os alunos idosos podem procurar os cursos ofertados pelos mais variados motivos que vão desde exercitar a memória, conseguir se comunicar com os filhos e netos, viajar para o exterior, dominar a tecnologia que faz parte de seu cotidiano, realizar um sonho da juventude, dentre outros. Neste sentido, o professor ao conhecer a motivação de seus alunos poderá traçar estratégias de ensino mais eficazes.

Dessa forma, conhecer as histórias e motivações por trás da escolha de estudar um novo idioma poderá fazer com que o seu trabalho seja facilitado. Além disso, isso poderá ajudá-lo na escolha dos materiais e no planejamento de suas aulas. Ademais, poderá contribuir para que se estabeleça uma relação de confiança com a turma, considerando que é tarefa do professor aproximar cada vez mais os alunos da língua-alvo.

c) Saber negociar o conceito de língua e de metodologia ideal

Não é fácil convencer alunos idosos de que existem diferentes metodologias de ensino, ainda que muitos professores acreditem que a abordagem comunicativa é a mais adequada com base na formação que tiveram e experiências de ensino em cursos de idiomas. Por isso, é importante lembrar que um dos possíveis obstáculos que poderá ser encontrado na sala de aula virtual do ensino de inglês para idosos diz respeito ao apego ao método de tradução demasiada, o que exige do professor saber negociar com a turma o conceito de metodologia ideal. Nesse âmbito, vale ressaltar que o aluno idoso já traz consigo uma bagagem de conhecimentos que antecede aquele contexto, podendo apresentar uma visão diferente do que seja um método adequado para se aprender um novo idioma. Assim, busque compreender o conceito de língua

e do que seja uma boa metodologia na visão de seus alunos. Nesse contexto, é interessante que o professor saiba negociar com os alunos e aplicar um pouco de cada metodologia nas suas aulas até perceber o que se adequa melhor na sua turma.

A respeito do uso de métodos adequados, e sobretudo preocupado com a autonomia do professor em sala de aula, Kumaravadivelu (1994) estabelece o conceito de pós-método segundo o qual:

A condição do pós-método reconhece o potencial dos professores para saber não apenas ensinar, mas também saber agir de forma autônoma dentro das restrições acadêmicas e administrativas impostas pelas instituições, currículos e livros didáticos⁷ (KUMARAVADIVELU, 1994, p. 30).

Assim, no contexto virtual de ensino observei que não é possível descartar nem mesmo o método de *Grammar Translation*⁸ nas aulas. Por exemplo, ao utilizar esse método você pode pedir aos alunos que associem palavras as imagens ou que elaborem pequenas listas com novos vocabulários aprendidos e suas traduções a cada semana ou etapa de sua aprendizagem.

d) Criar ou adaptar o seu próprio material conforme a necessidade do grupo

A importância da adaptação de materiais didáticos por professores de línguas adicionais é levantada por Moraes-Caruzzo (2022). Um dos principais desafios que encontrei enquanto professora de língua adicional para a terceira idade se refere ao acesso a um material didático adequado para essa faixa etária de aprendizes. A verdade é que faltam recursos necessários aos professores de alunos idosos.

Nesta esfera, é necessário nos questionarmos o porquê de ainda não serem produzidos livros didáticos especialmente voltados para esse público-alvo se o envelhecimento populacional já se tornou um fenômeno vigente⁹. Diante desse contexto, os professores por vezes ainda precisam criar ou adaptar seus próprios materiais de modo que os seus alunos se sintam representados. No caso das minhas aulas, busquei inserir em meus materiais o uso de

⁷ Tradução da autora.

⁸ Método de gramática-tradução.

⁹ Conforme dados lançados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o Brasil possui cerca de 13% de sua população na terceira idade, o que corresponde a aproximadamente mais de 28 milhões de pessoas. Segundo a mesma instituição, esse percentual tende a dobrar nas próximas décadas. Informação disponível em: <https://censo2020.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade.html>. Acesso em: 12 fev. 2024.

figuras/ objetos que remetessem a ideia de alunos na terceira idade estudando e realizando diversas atividades cotidianas.

Ademais, seria interessante que iniciativas como a criação de conteúdos no *YouTube* especificamente voltados para o ensino de idiomas na terceira idade fossem lançados em uma linguagem acessível e adequada a esses alunos para que quando precisassem pesquisar ou reforçar os conteúdos abordados em sala de aula pudessem encontrar um apoio extraclasse.

SUGESTÕES PARA PROFESSORES DE LÍNGUAS ADICIONAIS DA TERCEIRA IDADE

Segundo minha vivência enquanto professora de língua adicional para a terceira idade, que já atuou de forma presencial e virtual com o público da terceira idade compartilho neste trabalho algumas sugestões que poderão colaborar com a prática de colegas que atuam ou atuarão futuramente em ambos os contextos.

a) Ressignificar o seu conceito de velhice

É importante que o professor de língua inglesa saiba que envelhecer não é sinônimo de adoecer (Moraes-Caruzzo, 2022), assim torna-se necessário deixar de lado o imaginário ageísta que adquirimos ao longo das nossas vivências em sociedade. No caso deste estudo, eu diria não somente o professor de língua inglesa, mas também os demais professores que trabalham com o ensino de qualquer língua adicional.

Desse modo, não devemos subestimar a capacidade de nossos alunos e muito menos nos limitarmos quanto aos conteúdos/ temas que serão abordados na classe. O professor precisa antes de mais nada acreditar na capacidade de seus alunos, pois o tempo e a idade as vezes são construções sociais que nos aprisionam. Quem disse que estamos velhos demais para experimentar algo novo? Nossos desejos, sonhos e aprendizagem não têm prazo de validade.

Como professores, é preciso que estejamos atentos quanto ao modo como enxergamos o período de envelhecimento, pois isso irá influenciar na forma como lidamos com nossos alunos em sala de aula. Nesse contexto é imprescindível que possamos (re)conhecer os preconceitos que possuímos sobre o processo de envelhecimento, a fim de observarmos de que forma estes podem afetar nas práticas que desenvolvemos. A mudança para uma prática docente bem-sucedida começa a partir da reflexão na ação (Almeida Filho, 2012), e neste caso, deverá partir de nós mesmos.

b) Ser paciente com seus alunos

Ao realizar as atividades é necessário que o professor respeite o tempo de seus alunos e procure alcançar a efetiva participação de todos na aula, por mais que inicialmente possa existir uma certa resistência ou bloqueio por parte dos alunos. Neste cenário, disponibilizar o material da aula com antecedência e *links* extras para que os alunos possam revisar os conteúdos das aulas poderá otimizar o seu tempo.

c) Criar um grupo de *WhatsApp* da turma

Conforme Uchoa e Campelo (2021) criar laços afetivos em tempos de isolamento social não é tarefa fácil, mas pode ser visto como um desafio capaz de ser vencido. Conforme as autoras supracitadas, no contexto de pandemia os alunos e professores tiveram que se reinventar, explorar suas novas identidades e construir novos elos por meio do uso da tecnologia ao longo do processo de ensino e aprendizagem de uma língua.

Assim, com o advento da pandemia temos agora inúmeras ferramentas tecnológicas que podem ser utilizadas pelas pessoas, incluindo o segmento geronte da população, de modo a facilitar os processos de ensino-aprendizagem (Viana, 2020).

Nesse domínio, uma forma frutífera de utilizar a ferramenta do *WhatsApp* a nosso favor seria criar por meio dele um espaço seguro que possibilite trocas de saberes e até o compartilhamento de dúvidas entre os alunos. No mundo digital, escrever uma mensagem, compartilhar uma foto ou esclarecer dúvidas sobre uma atividade em grupo poderá colaborar na construção de laços entre os alunos. Dessa forma, ao invés de se restringir somente ao que é escrito no caderno e nos livros, o professor poderá pedir a descrição de texto anexado a uma fotografia que remeta a algo do cotidiano daquele aluno, como, por exemplo, pedir que compartilhe seus *hobbies*¹⁰ com a turma e que escreva uma legenda para foto escolhida, usando o que aprendeu nas aulas, ou solicitar que os alunos escrevam sua lista de supermercado ou receita favorita na língua-alvo e que compartilhem com os demais alunos participantes do grupo de *WhatsApp*.

Diante desse contexto, é essencial que o professor esclareça que a dúvida de um aluno poderá ajudar a esclarecer a dúvida de outro e que as atividades poderão ser enviadas conforme o tempo e disponibilidade de cada aluno, não existindo assim uma pressão que poderia causar

¹⁰ Tradução: atividades de lazer ou passatempo.

uma certa ansiedade. E principalmente, para evitar conflitos e aborrecimentos, estabeleça previamente regras de uso dessa ferramenta e para que haja uma boa convivência no grupo este deverá ser voltado somente para questões relacionadas ao curso.

d) Usar a afetividade ao seu favor

Como já mencionado, é primordial que o professor conheça os gostos e o perfil de seus alunos. Esta é uma forma de estimular melhor a interação entre os colegas. A criação de um vínculo afetivo poderá favorecer a prática de ensino. Assim, preze sempre pelo que aproxima os alunos da língua-alvo. Nesse contexto, a tecnologia pode ser sua maior aliada. No contexto virtual de ensino e até mesmo presencial, você poderá propor atividades em que os alunos possam compartilhar fotos, músicas ou vídeos de algo relacionado a rotina. Assim, os alunos também irão conhecer os gostos e vivências dos demais colegas e dessa forma, poderão interagir melhor uns com os outros.

Além disso, ao falarmos sobre afetividade e emoções na sala de aula (Aragão, 2008), o professor precisa estar preparado para lidar com o manejo das emoções dos alunos em sala de aula, pois poderá encontrar certos bloqueios no desenvolvimento de algumas atividades e até mesmo ter que lidar com a sensibilidade exacerbada de alguns estudantes, já que no caso dos aprendizes idosos os temas trabalhados em sala de aula podem remeter as lembranças e memórias anteriores.

e) Uso de jogos e atividades diferenciadas

Durante minhas aulas busquei realizar atividades diferenciadas como a realização de um jogo de roleta com pistas¹¹ sobre temas estudados e um bingo. Neste momento, foi possível aproveitar a oportunidade para revisar conteúdos como, por exemplo, saudações, profissões, animais, *likes and dislikes*¹², cores, números, família, países e aspectos culturais, além de poder estimular a aprendizagem das alunas por meio do uso do reforço positivo. Vale mencionar, que as alunas também se animaram com a possibilidade de poderem ganhar um prêmio ao final da atividade do bingo. O prêmio era uma caneca personalizada recheada de chocolates e a mensagem principal contida nela era: *you can do everything*¹³.

¹¹ Dica de site para criar jogos interativos que sejam úteis nas aulas: <https://wordwall.net/>.

¹² Tradução: gostos e aversões.

¹³ Tradução: você consegue fazer qualquer coisa.

- f) Ofertar insumo palpável e suficiente para o aluno se comunicar

É fundamental ensinar vocabulário nas aulas, fazer com que os alunos conheçam as palavras estudadas e as repitam, para em um segundo momento possam aplicá-las em frases e expressões úteis no dia-a-dia. Esta é uma forma de ajudar o aluno a exercitar a memória. Neste momento, o professor pode utilizar até mesmo *quizzes*¹⁴ com imagens que ajudem os alunos a lembrarem e associarem a palavra à pronúncia e ao que ela de fato significa.

- g) Desenvolver atividades que priorizem a interação entre pares

A interação em pares nas aulas usando *roleplays*¹⁵ onde os alunos simulam situações reais do cotidiano podem funcionar como uma excelente ferramenta nas aulas de línguas adicionais para os alunos da terceira idade, pois permite que estes pratiquem diálogos com os colegas. Esta interação permite ainda que os alunos se sintam incluídos na dinâmica e capazes de usar a língua-alvo. Além disso, poderá fazer com que a timidez seja aos poucos deixada de lado, tendo em vista que um colega poderá apoiar e incentivar o outro durante a sua realização. Dessa forma, é importante destacar não somente a importância de se estabelecer uma boa relação entre professor e aluno, mas dar ênfase a relação e os momentos de trocas de aluno para aluno.

PONDERAÇÕES FINAIS

Ensinar idosos é um privilégio e um desafio, pois estes alunos têm muita experiência acumulada ao longo da vida. Não é como ensinar crianças que têm a mente pouco preenchida por experiências pessoais. Dessa forma, o ensino direcionado ao idoso deve permitir que ele possa expressar as suas experiências em sala de aula e consequentemente, possibilitar que ele tenha voz ativa na sociedade. Por isso, o ensino deve possibilitar que esses alunos compartilhem com seus pares suas experiências, que os próprios alunos possam ensinar algo que eles dominem para os demais membros do grupo, e que sejam motivados a aprender sempre com seus professores e colegas (Viana, 2020).

Diante da nova conjuntura sanitária e educacional, é possível perceber que o ensino remoto pode também ser uma alternativa e meio efetivo para caminhar ao lado da educação

¹⁴ Refere-se a atividade com perguntas.

¹⁵ Refere-se a encenações utilizando situações do cotidiano.

tradicional ou pré-pandêmica, buscando desenvolver sobretudo a autonomia do aluno (Uchoa; Campelo, 2021). Embora possa ser considerado ainda um grande desafio, o ensino de uma língua adicional no contexto virtual para alunos na terceira idade tem sido possibilitado devido ao avanço da tecnologia e à necessidade de (re)inserção causada pela pandemia.

Conforme ressaltado por Leffa e Irala (2014, p.34), a aprendizagem de uma língua vai muito além do estudo de léxico e da sintaxe porque (a língua) torna-se um instrumento de prática social que oferece a possibilidade real de (o aluno) ampliar seu raio de ação no mundo. De forma geral, o desafio no panorama atual é promover políticas educacionais e públicas que contemplem aqueles que ainda sofrem com estigmas acentuados pelos tempos de pandemia, desencadeando reflexões sobre as práticas de educação permanente, o contato intergeracional e a inserção de alunos idosos em contextos universitários.

Desse modo, este artigo poderá trazer contribuições e reflexões para os profissionais que atuam nesse contexto e que fazem parte da gestão de tais programas, inseridos ou não no período pandêmico, considerando que a tecnologia e os espaços virtuais estão presentes no nosso dia a dia e tornaram-se grandes aliados dos professores nas práticas de letramentos na atualidade (Uchoa; Campelo, 2021).

Em arremate, a aprendizagem somente faz sentido e se torna significativa para aprendizes idosos, quando estes de fato conseguem utilizar em seu cotidiano o que vêm aprendendo na sala de aula. Contudo, ainda se faz necessário que mais pesquisas sejam aprofundadas nesse campo de estudos e que o fenômeno do envelhecimento seja discutido cada vez mais sob uma ótica de quem de fato vivência ou convive com o fenômeno do envelhecimento. A idade cronológica não poderá barrar a sede pelo conhecimento, pois o acesso a aprendizagem continua é o caminho para uma vida longa.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, M. S. S.; CARVALHO, C. M. R. G. O envelhecimento pela ótica conceitual, sociodemográfica e político-educacional: ênfase na experiência piauiense. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 13, n. 29, p. 435-444, abr./ jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/vQKTz5X8F8XPvwscGxYSVTn/?format=pdf>. Acesso em: 10 maio. 2024.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Quatro estações no ensino de línguas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. 130 p.

ARAGÃO, R. Emoções e pesquisa narrativa: transformando experiências de aprendizagem. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. v.8, n.2. p.295-320. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/D7GkvbGtXPTZX5gmZzxTJGS/?format=pdf>. Acesso em: 10 maio. 2024.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. 4ª reimp. São Paulo: Parábola, 2008. 136p.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 711p.

BELLA, M. A. A. G. D. **O ensino de idiomas para a terceira idade**: enfoque específico no ensino de língua italiana. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Italiana) – orientada por Giliola Maggio de Castro. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2008. 121f.

BOLACIO FILHO, Ebal Sant'Anna. Do método ao pós-método no ensino de línguas estrangeiras. **Revista de Estudos de Português Língua Internacional**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 65–79, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/repli/article/view/64216/45085>. Acesso em: 10 maio. 2024.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006. 144p.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 408p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 248p.

GOMES, L.; LOURES, M. C.; ALENCAR, J. Universidades abertas da terceira idade. **Revista Dialogos**. v.4, p.84 - 94, 2004. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rdl/article/view/1396>. Acesso em: 10 maio. 2024.

GUIMARÃES, G. L. **O ensino/aprendizagem de língua estrangeira (espanhol) para adultos na terceira idade**: um estudo etnográfico de caso. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – orientada por Gilberto Antunes Chauvet. Universidade de Brasília: Brasília, 2006. 226f.

KURAMAVADIVELU, B. The postmethod condition: (e)merging strategies for second/foreign language teaching. **TESOL QUARTELY**, v.28, n.1, p.27-48. 1994. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/240324025_The_Postmethod_Condition_Emerging_Strategies_for_SecondForeign_Language_Teaching. Acesso em: 10 maio. 2024.

LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. In: V. J. LEFFA.; V. B. I. (Orgs.). **Uma espiadinha na sala de aula**: ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: Educat, 2014. p. 21-48.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e**

Aplicada, [S. l.], v. 10, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412>. Acesso em: 10 maio. 2024.

MOITA LOPES, L. P. **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003. 272p.

MORAES, V. N. R. **Ensino de inglês para a terceira idade**: uma proposta didática com o uso do aplicativo Quizlet. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – orientada por Sandra Mari Kaneko Marques. Universidade Estadual Paulista: Araraquara, 2018. 155f.

MORAES-CARUZZO, V. N. R. Ensino de inglês para a terceira idade. In: RIBEIRO, F. (Org.) **Práticas de ensino de inglês**: volume 2. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2022, p. 119-132.

MORAES-CARUZZO, V. N. R. **O ensino-aprendizagem remoto de inglês para a terceira idade mediado pelas tecnologias digitais**: parâmetros humanos e técnicos. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - orientada por Sandra Mari Kaneko-Marques – Universidade Estadual Paulista: Araraquara, 2023. 325f.

MYNAIO, M.C.S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001. 96p.

NERI, A. L. Feminização da velhice. In: NERI, A. L. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001, p. 49-51.

SCOPINHO, R. A. **Subsídios para a elaboração e utilização de material didático de línguas estrangeiras para a terceira idade**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – orientada por Ademar da Silva. Universidade Federal de São Carlo: São Carlos, 2009. 149f.

SCOPINHO, R. A. **Crenças e motivação em contexto de língua estrangeira para a terceira idade**: subsídios para o desenvolvimento de competências do professor. Tese (doutorado em Linguística) – orientada por Nelson Viana. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2014. 243p.

PACHECO, J. L. As universidades abertas à terceira idade como espaço de convivência entre gerações. In: VON SIMSON, O.R.M; NERI, A. L; CACHIONI, M. (orgs.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2003. p. 223-250.

PIZZOLATTO, C. E. **Características da construção do processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira (inglês) com adultos da Terceira Idade**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – orientada por José Carlos Paes de Almeida Filho. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1995. 258f.

UCHOA, C. S.; SILVA, R. R. S.; GOMES, F. W. B. O aprendizado de língua inglesa na terceira idade baseado no projeto de extensão: programa terceira idade em ação (PTIA). In: **ANAIS DO**

I CONGRESSO INTERNACIONAL DE FICÇÃO, IDENTIDADE E DISCURSO. São Luís: Edufma. 2016. p.449-454.

UCHOA, C. S.; CAMPELO, M. L. B. Identidades de alunos imigrantes e refugiados: reflexões sobre o ensino de PLAC no contexto virtual. *In: ALBUQUERQUE, D.; RAMOS, R. (org.). O ensino de português língua não-materna: pesquisas e práticas bem-sucedidas.* Catu: Bordô-Grená, 2021. p.80-103.

VIANA, H. B. Velhice e aprendizagem: o desafio de ensinar pessoas idosas. *In: TAVARES, C. N. V.; MENEZES, S. F. (org.). Envelhecimento e modos de aprendizagem.* Uberlândia: EDUFU, 2020. p. 32-54.

VILLANI, F. L. **A longevidade no aprendizado de línguas:** acrescentando vida aos anos e não anos à vida. Tese (Doutorado em Linguística) – orientada por Maria Antonieta Alba Celani. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2007. 258f.

Recebido em: Fev. 2024.

Aceito em: Abr. 2024.